



CMUHE043684

FARJALLAT, Célia Siqueira. *Semana santa em outros tempos.*
 Correio Popular, Campinas, 22 mar., 1967.

Semana Santa em outros tempos

C. Siqueira Farjallat

33

Tempo de penitência, de contrição e de dó. As cidades eram ainda centros acanhados, as ruas estreitas e humildes, os casarões de taipa de pilão com longos beirais portugueses; janelas baixas com rótulas; quintais imensos, sombreados de árvores, indo morrer nos córregos, pastos e matos.

A gente "bem" de então morava na roça, nas grandes fazendas de muitas léguas e muita escravaria. A casa da cidade, fechada quase o ano todo, abria-se para raras solenidades. A Semana Santa era a mais importante delas. Preparada com piedade verdadeira, falava aos sentidos, pela vista nos deslumbramentos dos templos, onde, naqueles dias de evocação, tudo era roxo e negro; pelo ouvido, na música tristíssima dos cânticos de morte, na oratória impressionante; pelo olfato, no incensário, no odor de flores esmagadas, lembrando velórios.

Correio Popular 22.3.67

Narro A. de Almeida Prado em sua "Crônica de Outrora" evocativa da mais tradicional das cidades paulistas. Itu, o esplendor das Semanas Santas, quando fazendeiros, sitiantes, gente de qualificação social vinda de longe, até do Rio de Janeiro, aflua à cidade, preparada para as solenes comemorações. Os forasteiros emprestavam à cidade um ar festivo avivando-lhe o ambiente urbano. Discutiam-se as cerimônias religiosas, o valor dos pregadores, a beleza das igrejas. Isto, porém, até a Quarta-feira de Trevas, quando a cidade emudecia, amortalhando-se em luto fechado. O comércio, do Ofício de Trevas, ao raiair de Sábado de Aleluia, fechava as portas. As procissões repartiam-se por diversas igrejas: a de Cinzas, pertencia à Igreja do Carmo. Na Sexta-Feira Santa, havia a cerimônia das "Três Horas de Agonia", introduzida pelos jesuítas, e para a qual o Maestro Elias Lobo compôs "As Sete Palavras", música e harmonia ainda hoje lembradas pela velha gente ituana.

Em nossas velhas cidades, as festas da Semana Santa eram imponentíssimas. Concorridíssimas. Com acompanhamento da nobreza, com andores e pálios carregados até pelo presidente da Província. Documentos públicos e a imprensa da época registraram as cômicas oficializadas "quando cônegos e chantres se misturavam com priores, ouvidores e corregedores, nas mais pueris contendas, pelo fato, de na procissão dos Passos ou na do Entêro determinado figurão não ser solicitado para carregar uma cana do pálio, ou uma imagem. "Pelo que se vê, a vaidade vem de longe..."

As procissões tinham a imponência de festas nacionais. As ruas eram varridas, recobertas de flores e folhagens para a passagem do Senhor. Nas casas — conforme Paulo Cursino de Moura — havia iluminação nas platibandas, colchas nas janelas e grades, e pelo ambiente, derramado, um indelével perfume de mangerona e de incenso. Por toda a parte, inefável enlévo religioso. Misticismo e piedade. Obedecia-se rigorosamente ao jejum quaresmal. Os homens não fumavam na Sexta-Feira da Paixão, vestiam-se de luto fechado.

Personagem obrigatório na soleníssima procissão dos Passos, até 1860, era um pregoeiro conhecido como Farricoco ou a Morte, metido em um camisolão preto, com um capuz também preto, soturno e terrível. Levava às mãos um chicote para escorraçar o bando de moleques que o seguia, e o apedrejava. Sabe-se, que na cidade de São Paulo, a procissão do Entêro, da Igreja de Ordem Terceira do Carmo, tinha aparato inigualável. Além dos carregadores do Esquife, que eram sacerdotes, além das Três Marias e da Verônica, ia também a Guarda Romana, uniformizada, tendo à frente, o Centurião, escolhido pelo porte agigantado, e que marchava, batendo no chão, o cabo da lança, no que era imitado pelos seus soldados. Ora, o povo, ingenuamente, identificava estes pobres homens como os matadores de Cristo. Por isso, terminada a cerimônia, eles se esgueiravam, a medo, um a um, pelo portão da rua da Boa Morte, recebendo de propina cinco mil réis e um cartucho de doces. Eram os "judeus do Carmo", de quem as crônicas relatam feitos interessantes.

Leopoldo Amaral, Quirino dos Santos, Rodrigo Otávio, Rafael Duarte e o Comendador Theodoro de Sousa Campos fixaram com propriedade a beleza, a comovedora piedade, os costumes, o esplendor das Semanas Santas de outrora, quando a vida era menos complicada e menos trepidante, e os homens, mais perto de Deus, sabiam reconhecer os valores eternos e imutáveis.